

Revista Portuguesa de

# Humanidades

*Estudos Linguísticos*

**VOL. 15-1**

**ANO 2011**

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Filosofia de Braga

# Vésperas Brasilianas: uma agenda para os estudos sintáticos do Português Brasileiro nos primeiros séculos

**MARIA CLARA PAIXÃO DE SOUSA**

Universidade de São Paulo  
mariaclara@usp.br

**VERENA KEWITZ**

Universidade de São Paulo  
kewitz@usp.br

## Abstract

The aim of this paper is to propose that the 15<sup>th</sup> century marks the emergence of Middle Portuguese, a language period that constitutes the origin of Brazilian Portuguese. Firstly, we discuss some recent studies that propose the idea of Middle Portuguese and its implications for the History of Brazilian Portuguese. Secondly, we present and analyse some data of verbs that have variable valency in texts of the 15<sup>th</sup> century. Lastly, we raise some questions that contribute not only to the History of languages as a whole, but also particularly to the History of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Brazilian Portuguese, History of Portuguese, Middle Portuguese, prepositions, verb valency

Como era o português falado em Portugal nas vésperas do achamento e povoamento do Brasil? (Ivo Castro, *Vésperas Brasilianas*<sup>1</sup>)

## 1. Introdução

Embora vários estudos apontem o século XIX como a fase de grandes mudanças do Português Brasileiro em relação ao Português Europeu (Roberts & Kato 1993; Tarallo 1994), a datação do início do Português Brasileiro ainda

---

<sup>1</sup> O título deste artigo foi inspirado na apresentação do Prof. Ivo Castro, quando do X Seminário do Projeto de História do Português Paulista, realizado em agosto de 2009. Naquela ocasião, discutiram-se aspectos relevantes para o estudo das origens do Português Brasileiro, a partir dos achados de Cardeira (2005).

não é ponto pacífico na literatura, mantendo-se a relevância das perguntas pioneiras levantadas por I. Ribeiro (“A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática?” – 1998), e por C. Moraes de Castilho (“Seria quatrocentista o português implantado no Brasil?” – 2001). Num período recente, estudos partindo de perspectivas teóricas bastante diversas têm voltado seu olhar para o século XV como ponto de origem do Português Brasileiro (doravante, PB). O objetivo principal deste artigo é reunir e fazer dialogarem alguns dos principais trabalhos que descrevem e discutem o estado da língua portuguesa nos séculos XV, XVI e XVII, em particular aqueles que conduzem essa discussão no contexto de uma preocupação com o problema das origens do PB. O artigo se insere num projeto de longo prazo cujo objetivo é compreender a contribuição do português quatrocentista e quinhentista na formação linguística do Brasil.

Essa tarefa tem dois lados: um deles é a consideração sobre o estado da língua portuguesa nos séculos XV a XVII, objeto de diversas pesquisas recentes. Cardeira (2005) apresenta um trabalho minucioso sobre o português dos anos 1350-1500, apontando essa fase da língua como um momento de transição, “em que coexistem antigas e recentes tradições linguísticas” (Cardeira 2005: 30), denominado *Português Médio* – nas palavras de Ivo Castro (2009, ms.), “o meio caminho entre o Português Arcaico e o Português Clássico”. Paralelamente, no quadro gerativista, estudos recentes têm identificado no português dos séculos XV, XVI e XVII uma gramática distinta tanto do Português Arcaico (doravante, PA) como do Português Europeu Moderno (doravante, PE) – gramática que tais estudos também denominam de Português Médio (Paixão de Sousa 2004; Galves, Namiuti e Paixão de Sousa 2006; Galves 2007). O outro lado da tarefa é compreender como alguns trabalhos importantes têm entendido a gênese do PB. Encaminhar questões nessa direção implica, naturalmente, um posicionamento diante do cenário bem conhecido na literatura sobre as origens do PB, em que se identificam duas principais tendências: a origem do PB teria como base o processo de crioulização, ou o PB como fruto de mudanças internamente motivadas, conhecida como teoria da deriva. Neste artigo, lembraremos essas duas tendências, buscando relacioná-las com a questão, recentemente colocada, do Português Médio como gramática (fundamentalmente) distinta do PE dos séculos XVIII a XX.

A partir dessa breve revisão da literatura recente sobre o português dos anos 1400 a 1600 e das discussões tradicionais e recentes sobre as origens do PB, apresentaremos uma contribuição para o estudo do Português Médio, que entendemos como a base para a formação do PB – a que vimos chamando de nossas *Vésperas Brasilianas*. Fundamentalmente, consideramos que, quando os primeiros portugueses desembarcaram no Brasil, traziam uma sintaxe

adquirida antes de 1500; consideramos, também, que, para encaminhar as investigações sobre nossas origens linguísticas e compreender que fenômenos se conservaram e se inovaram, é preciso conhecer melhor o estado de língua do século XV. Noutros termos, é preciso levar em conta os caminhos percorridos pelas duas variedades, portuguesa e brasileira, nos séculos XVI e XVII. Complementando nosso objetivo principal, procuraremos apresentar os primeiros passos para a análise de fenômenos sintáticos que nos parecem cruciais para a discussão das mudanças sofridas Português Médio: a estrutura argumental da sentença, envolvendo questões de transitividade e colocação.<sup>2</sup>

## 2. Notícias do Português Médio

O objetivo desta seção não é apresentar uma síntese dos vários estudos sobre periodização da língua portuguesa, mas sim focar sobre o que se tem chamado de Português Médio, observando os fenômenos linguísticos que tem sido colocados em pauta por alguns estudos voltados para o período. Observaremos, inclusive, alguns estudos que, embora não façam uso do termo *Português Médio*, apontam para o século XV como um marco importante na língua portuguesa.

Teyssier (2004-1997), por exemplo, menciona alguns fenômenos de mudança entre o PA e o Português Clássico, como a simplificação do sistema dêitico tal como conhecemos hoje. Mattos e Silva (2006, 1994) indica o fim do século XIV e início do XV como fase de implementação de mudanças, além de ocorrências de variação entre formas. Para ilustrar, listamos algumas delas:

- (a) generalização dos verbos *ter* e *haver* como auxiliares de tempos compostos do passado, no lugar de *ser*, como em *Lopo Soares era chegado*: Said Ali (1964, *apud* Mattos e Silva 1994: 63);
- (b) variação entre os verbos *ser* e *estar* em predicados locativos e atributivos permanentes e transitórios, como em *Almas que son no outro mundo, Estando hũ dia seu padre e os físicos mui coitados con eles* (Mattos e Silva 1994: 75). A autora afirma que já no século XVI constata-se a oposição entre esses verbos, em que *ser* assume os predicados permanentes, e *estar*, os predicados transitórios;

---

<sup>2</sup> Castilho (2010) inclui a questão da concordância nesse rol de modalidades da sintaxe. Ainda que sejam indissociáveis, excluimos a concordância de nossa análise, por questões de espaço e porque nosso foco é a valência verbal.

- (c) desaparecimento dos pronomes locativos dêíticos e anafóricos *hi ~ hy* ~ *i, en ~ ende* por volta do século XV.

Esses três fenômenos são suficientes para verificar que o período de fins do século XIV e início do XV constitui uma fase em que mudanças se implementam, enquanto outros fenômenos continuam em variação. Nas palavras de Cardeira:

[...] é neste período que se definem *selecções e mutações que irão conferir ao português uma determinada personalidade*: é a elaboração do português do século XV que permitirá a sua gramaticalização a partir do século seguinte. Assim, *o português médio, mais do que um «período de transição», pode definir-se com um «período crítico», crucial na história da língua portuguesa.* [grifos nossos] (2005: 292)

Cardeira (2005) faz uma descrição bastante minuciosa de alguns fenômenos fonológicos e morfológicos, dentre os quais destacamos a síncope de *-d-* no morfema número-pessoal, mudança do participípio em *-udo* para *-ido* e a redução do sistema de possessivos (*ma, ta, sa > minha, tua, sua*). Em linhas gerais, a autora constata que a mudança, em alguns casos, já estava em curso antes do século XV; em outros, apresentava ainda um momento de transição ou competição, ou seja, observou-se a coexistência de formas antigas e modernas. Em trabalho posterior, a autora retoma alguns desses fenômenos e afirma que

<[...] [e]ntre 1400 e 1450 ocorre a substituição das variantes antigas pelas modernas [...]. Só cinquenta anos em que se efectivam algumas das mudanças linguísticas que poderemos aceitar como parâmetros para a periodização do português. E nos cinquenta anos seguintes estabilizar-se-á a frequência de cada uma das novas variantes. (Cardeira 2010: 87-88)

Analisando textos quatrocentistas e quinhentistas, Moraes de Castilho afirma o seguinte:

A língua que se apresenta em textos quatrocentistas mostra uma quantidade enorme de variantes, o que caracteriza uma época em ebulição, *em que se documentam muitas tentativas de solução para uma mesma estrutura sintática* [...]. Essas muitas variantes talvez mostrem que estavam em curso alterações profundas na língua [...]. A língua dos textos quinhentistas já é diferente, [...] mais regrada, não havendo tantas variantes. A modalidade escrita do português quinhentista, como se sabe, passou por um processo de normatização. [grifos nossos] (2001: 58-59)

Note-se, portanto, que a chamada “revolução linguística” do século XV pode ser observada, também, no campo da sintaxe, como mostram os trabalhos

pioneiros de Martins (1994) e Ribeiro (1995). Cardeira (2010) menciona esse fato, lembrando o estudo de Martins (2002) sobre a colocação dos clíticos: no PA, a ênclise era preferida, mas vai sendo progressivamente substituída pela próclise no século XV (período em que as duas posições variam), e no século XVI se torna categórica: Cardeira (2010: 88). Mais recentemente, e também com base na diacronia da colocação de clíticos, Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006) e Galves (2007) propõem uma nova periodização do português, na qual o século XV é um ponto de inflexão.

A principal mudança identificada pelas autoras no século XV remete ao fenômeno da interpolação. Como mostrou Namiuti-Temponi (2008, entre outros), nos textos de autores nascidos no século XV, essa construção característica do PA (na qual o clítico não é contíguo ao verbo) não apenas passa a ser menos frequente como também passa a apresentar um contexto de ocorrência distinto. Por exemplo, na interpolação típica do PA, o clítico aparece separado do verbo, mas contíguo às conjunções subordinadoras (*Isto que lhes eu mão*); a partir do século XV, o clítico aparece separado do verbo e das conjunções subordinadoras (*que os inimigos o não pudessem cercar*). A análise deste fenômeno, em conjunção com outros aspectos relativos à ordem de palavras, leva as autoras a identificarem nos textos escritos por autores nascidos no século XV uma gramática que se distingue do PA, a que chamam *Português Médio* – uma “gramática”, note-se, no sentido gerativo do termo.<sup>3</sup>

À diferença dos trabalhos citados anteriormente, para essas autoras o Português Médio perdura até fins do século XVII, quando uma nova mudança é observada na sintaxe dos clíticos e na ordem relativa Sujeito/Verbo. O que importa notar, aqui, é que nessa proposta, o Português Médio é a gramática que dará origem tanto ao PE moderno, quanto ao PB.

É nesse português quatrocentista que Moraes de Castilho (2001, 2004, 2005) vê a base para a formação do Português Brasileiro. Como bem observa Castilho,

Argumentando que a base do PB não pode ser o PE seiscentista – que ainda não existia, quando teve início o povoamento do território –, ela relaciona

---

<sup>3</sup> As autoras partem da perspectiva teórica gerativa – que, no que tange ao problema da periodização da língua, tem uma consequência principal: a menção do “português do século XV, XVI e XVII”, nesses estudos, não remete necessariamente à língua escrita em textos do século XV, XVI e XVII, mas sim à língua escrita por autores nascidos nos séculos XV, XVI e XVII. Remetemos a Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006) para uma discussão detalhada dessa questão.

várias características sintáticas, comumente atribuídas à emergência de uma gramática do PB, que entretanto são amplamente documentáveis no séc. XV. Construções de tópico (como em *O menino, ele acabou de chegar*), duplicação de clíticos de que resultariam alterações no quadro pronominal, (como em *eu não te falei pra você?*), possessivos duplicados (como em *leve o seu livro dele*, que explicam a utilização de *dele* como possessivo da terceira pessoa, especializando-se *seu* como possessivo da segunda pessoa) e outros fatos sintáticos demonstram uma vez mais que a pergunta não é por que o PB ficou como ficou, e sim por que o PE tomou um rumo inesperado, afastando-se do Português Arcaico e do PB. (2010:191)

Na seção a seguir, comentaremos essa ideia geral.

### 3. O Português Médio como ponto de origem para o PB

Lembramos, na introdução deste artigo, as perguntas pioneiras feitas por Ribeiro (1998) e Moraes de Castilho (2001) acerca das origens do PB. Visitando alguns trabalhos recentes que se debruçaram sobre o português dos séculos XV, XVI e XVII, chegamos ao ponto de compreender as consequências de algumas dessas propostas para os estudos sobre a formação do PB. Iniciamos com o que Galves (2007: 523) declara, dialogando diretamente com Ribeiro (1998):

A resposta que eu trago aqui à pergunta de Ilza Ribeiro é então esta: o português brasileiro mudou em relação ao português médio. *A língua das caravelas é o português médio*, a língua falada em Portugal nos dois primeiros séculos da colonização.” [grifo nosso].

Assim, nas propostas de Galves (2007), Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006), e já em Paixão de Sousa (2004), a origem do PB e do PE moderno é o Português Médio, e essa inflexão localiza-se na passagem entre os séculos XVII e XVIII, como mostra o diagrama a seguir:

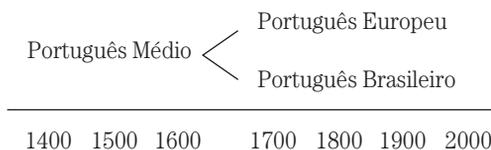


Figura 1. Periodização do português (Paixão de Sousa 2010: 5)

Nota-se que, nessa hipótese, a gramática do Português Médio é comum à língua falada em Portugal e no Brasil daqueles primeiros séculos de ocupação

colonial. Isso não implica dizer que, para as autoras, não haja diferenças entre a língua nos dois domínios; significa, apenas, que nos aspectos indicadores de diferenças paramétricas, estaríamos diante da mesma gramática, do ponto de vista gerativo (*i.e.*, da mesma *Língua-Interna*).

Assim, a ideia geral do Português Médio (bem como as propostas das autoras acima mencionadas) levanta questões importantes para o problema da gênese do PB. Conforme já indicamos na introdução, a defesa da origem do PB numa etapa da língua que remonta ao século XV implicaria uma tomada de posição frente ao debate tradicional entre as perspectivas “internalistas” e “externalistas” sobre a origem do PB – ou seja, sobre o debate entre a interpretação de sua origem como fruto de mudanças internamente motivadas (a ‘deriva’) e a interpretação de sua origem com fruto de mudanças externamente motivadas. De fato, segundo a tese “internalista”, o PB se desenvolve diretamente do português do século XVI, sem a “influência do contato” – destacam-se, nesse campo, as propostas de Silva Neto (1963), Melo (1946), Câmara Jr. (1972), Tarallo (1993) e Naro & Scherre (1993). No campo oposto, os defensores da tese “crioulista” afirmam que o PB se origina do contato com as línguas africanas – aqui salientamos desde a pioneira abordagem de Coelho (1880) até as propostas de Guy (1989), Holm (1987) e Lucchesi (1994).

Numa primeira análise, a proposta do Português Médio como ponto de origem do PB parece alinhar-se à tese internalista, que tradicionalmente afirmou a identidade entre o português do século XVI e o PB. Não é necessariamente assim, entretanto. A ideia geral da proposta do Português Médio é a de que o português dos séculos XV a XVII apresenta certos fenômenos linguísticos que o distinguem tanto do PB como do PE. Assim, seja qual for a interpretação que se apresente para a emergência do PB (bem como do PE), o fundamental será notar que ela teve como base a língua dos séculos XV, XVI e XVII: é portanto nas características dessa língua – e não, por exemplo, nas do PE do século XIX – que a gênese das características do PB precisa ser examinada.

Aqui, adotamos essa ideia geral e salientamos que ela faz delinear-se um programa de pesquisa: o estudo comparado entre o PB e o Português Médio (doravante, PM). A seguir, sugerimos uma linha de trabalho possível para tal programa, apresentando uma análise comparada preliminar entre padrões de valência e projeção argumental de alguns verbos.

#### **4. Valência verbal variável em textos do século XV: primeiras análises**

A proposta apresentada nesta seção toma como ponto de partida a afirmação de Moraes de Castilho (2011) no sentido de que os achados de Cardeira

(2005) sobre o século XV, arrolados na seção anterior, merecem ser estendidos ao campo da sintaxe. Entre os trabalhos que se debruçaram sobre a sintaxe do português quatrocentista, destacam-se os de Moraes de Castilho (2001, entre outros) sobre as estruturas de redobro, e os de Namiuti-Temponi (2008, entre outros), sobre a interpolação, comentados mais acima. Neste artigo, analisaremos fenômenos de valência verbal variável em textos do século XV, tomando por base duas análises anteriores: a de Mattos e Silva (2006) sobre o PA, e a de Paixão de Sousa (2008a, 2008b, 2009) sobre textos do século XVI. Observamos, de partida, o que Mattos e Silva (2006: 143-161) apresenta, ao descrever estruturas sintáticas variáveis no PA:

- Valência verbal variável:
  - (1) *Non pode gostar as cousas ~ Bês de que gostaron que lhi cheiran*
  - (2) *Non posso duvidar nemigalha ~ Non duvidaron do feito nemigalha*
  - (3) *Perguntaron-no que demandava ~ Perguntou-lhe que faria*
- Variação na seleção da preposição (regência verbal):
  - (4) *confiar de SN ~ confiar em SN*
  - (5) *ocupar en SN ~ ocupar com / de SN*
  - (6) *Veeron a hũ logar ~ Veo-se pera casa*
  - (7) *Ei de fazer a obra ~ ouver a reinar*

Esses dados remetem-nos à análise de Paixão de Sousa (2008a, 2008b, 2009) que ressalta que a flexibilidade da valência verbal tem sido um aspecto bastante abordado por estudos recentes sobre o PB (Negrão & Viotti 2009; Perini 2010), e tem sido arrolada, muitas vezes, como um dos aspectos inovadores da língua. Conforme aponta Paixão de Sousa (2008a), muitos estudos tomam por base o PE atual para classificar essa característica como uma inovação do PB – comparam-se, por exemplo, construções como *Maria casou, Pedro casou a filha com o vizinho; A porta abriu, A porta fechou* (PB) com *Maria casou-se, A porta abriu-se, A porta fechou-se* (PE). Entretanto, os padrões de valência registrados em textos portugueses dos séculos XVI e XVII não equivalem aos do PE moderno, como mostrou o levantamento de Paixão de Sousa (2008b) sobre a valência de cerca de 300 verbos em textos deste período. Para Paixão de Sousa (2009), os padrões de valência do PM representam a base para os padrões atuais tanto do PB (incluindo alguns de seus aspectos inovadores), como do PE moderno (incluindo também alguns aspectos inovadores) – fundamentalmente, esses padrões contrastam com ambas as variantes modernas. Daí nosso interesse, aqui, nesse aspecto da sintaxe quatrocentista.

A seguir, apresentamos e comentamos alguns dados representativos referentes à valência variável em textos quatrocentistas, com base nos quais, como se explicita na última seção, pretendemos futuramente estender o levantamento quantitativo de Paixão de Sousa (2008b). Tomando os dados de Mattos e Silva (2006) como ponto de partida, acrescentamos exemplos de Tarallo (1991)<sup>4</sup> e Paixão de Sousa (2008b),<sup>5</sup> e de ocorrências colhidas no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM).<sup>6</sup> Os dados foram organizados em duas partes, a saber: ocorrências de variação no PM e que se perderam no PB e ocorrências de variação no PM e que foram mantidas no PB (com algumas diferenças, que comentaremos).

#### 4.1. *Variação no século XV – Mudanças no PB*

A. Verbos em construções X<sup>7</sup> V SP, com mudança na seleção da preposição no PB:

*Confiar – Duvidar*

Confiar (de ~ em)

- (8) *Nõ queiras cõfiar dos amigos* (Mattos e Silva 2006)
- (9) [...] *e quando Dom Eguas viu a criança tão formosa, e com tal aleijão, houve muita grande dó dela, e confiando em Deus, que lhe poderia dar saúde, a tomou, e fez criar* (CTB-G009)

---

<sup>4</sup> Do *corpus* do século XV organizado por Tarallo (1991), selecionamos os textos *Boosco Deleitoso*, editado por Augusto Magne (1950), *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (edição de Giuliano Macchi 1966) e *Bíblia Medieval Portuguesa*, editado por Serafim da Silva Neto (1958). As siglas utilizadas são, respectivamente, BD, CP e BMP.

<sup>5</sup> Os dados do *Corpus Tycho Brahe*, apontados pela sigla CTB, foram coletados dos seguintes textos: *Historia da Provincia de Santa Cruz*, de Pero Magalhães de Gândavo (nascido em 1502), sigla CTB-G008 – cf. referência completa em [http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_008](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_008); e *Crônica del-Rei D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão (nascido em 1435), sigla CTB-G009 – cf. ref. completa em [http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_009](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_009).

<sup>6</sup> Os dados do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, apontados com a sigla CIPM, foram coletados de diversos textos, identificados nas subsiglas, que seguem, aqui, as referências do corpus original; para as referências completas neste *corpus*, cf. <http://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=31>.

<sup>7</sup> X corresponde a qualquer elemento que funcione como sujeito.

Duvidar (de ~ em)

- (10) *E pera scusar tal cajom, quanto sse mais fazer pode sejam desto avysados: que conssiirem o lugar em que vãão, quejando he, e sse virem tal aazo per que duvydem de tal volta, atentem o cavallo na mão e desvyemsse ao traveis* (CIPM-S15 LC)
- (11) *e quando vio que elrreidovidava naquellas cousas e nom em outras* (CIPM-S15 CDF)
- (12) *Rrazoões contra esto d'algũs que hi estavom, duvidando muito em este casamento* (CP, Tarallo 1991)

Nos exemplos acima, observa-se a variação dos verbos *confiar* e *duvidar* em relação à seleção da preposição: *confiar de ~ em* e *duvidar de ~ em*. No PB, os verbos *confiar* e *duvidar* ocorrem também com seleção de preposição, mas sem variação, como em *Duvido da sua palavra* e *Confio em você*. Ambos podem também ser seguidos de oração no PB: *duvido que ele venha* e *confio que ela diga a verdade*.

B. Verbo com variação de valência (X V SN ~ X V SP) e mudança na seleção da preposição da construção X V SP no PB

Olhar (X V SN, X V SP = em ~ por (“cuidar”), por (“procurar”), a (“direcionar o olhar”) > X V SN, X V SP = por (“cuidar”)

- (13) *Olha em tres coussas e nam cairas em pecado* (CIPM-S15 LHB)
- (14) *Nõ há cousa tã doce como cuidar e olhar em os mãdametos do Senhor* (CIPM-1504 Cat)
- (15) *Olha tua baixeza em tua cõcepçã e nascêça, tua fraqueza, affliçã e brevidade de vida, a neçessidade de tua morte sem certeza de quando, como e dôde morrerás* (CIPM-1504 Cat)
- (16) *& dom D(ua)rte veo trazemdo sua gemte a melhor acaudellada que pôde ate açerca da villa, onde hũs começará de olhar pellos outros & acharã aaquelle caval(ei)ro menos* (CIPM-S15 ZPM)
- (17) *a vêtuyra mais ledos deixa aquelles que nũca oolhou pera lhes bemfazer, que a aquelles que oolhou e depois desenparou-os* (CIPM-S15 OE)
- (18) *Mas empero por amor delrey de Juda oulharey por ty* (CIPM-S15 LHB)
- (19) *O Christo Jesus, [...], muitas graças e louvores te damos que por a tua infmida piedade quyeste olhar por os portugueses o dia de seu grão trabalho, por lhe dar homra de vcmcimento comtra a sanha de seus crueis imiguos!* (CIPM-S15 CDJII)

Saliente-se, nesses exemplos com o verbo *olhar*, que as diferentes seleções de preposição correspondem a diferentes significados – noutros termos, a diferentes cenas.<sup>8</sup> Em (13) e (14), *olhar em* corresponde a *zelar por*, *cuidar de*. Com este sentido, *olhar* pode tanto selecionar a preposição *em*, quanto *por* (exemplos 18 e 19). Em (15), o verbo seleciona um SN e equivale a *ver*, *mirar*. Já em (16), vemos um uso de *olhar* no sentido de *procurar*, e nesse contexto, não observamos variação estrita com outra preposição. Dentre essas quatro possibilidades de construção com o verbo *olhar*, apenas V SN e V + *por* (em contextos muito específicos) são correntes no PB atual. Mesmo quando *olhar* equivale a *cuidar/zelar*, nenhuma preposição é selecionada (como em *você pode olhar as crianças?*). Ao que parece, houve uma generalização da concepção de *olhar*, que era marcada por preposições distintas no PM. Em outras palavras, *olhar a criança* pode tanto significar *direcionar o olhar para a criança* quanto *cuidar da criança* no PB atual. Nesse sentido, observa-se a redução da valência de *olhar*, uma vez que não preenche mais (no PB) as quatro acepções atestadas no PM, mas apenas duas, sendo que uma delas em contextos bem estritos (*Senhor, olhai por nós*).

C. Verbos com variação na seleção categorial do complemento, cuja seleção se tornará categórica – X V SN ~ SP > X V SN ou X V SP

C1. Verbos de dois lugares – mudança de SN ~ SP > SP

De forma geral, o que se observa nos dados abaixo é que o PB parece ter optado por uma das variantes presentes no PM. No entanto, cada verbo merece algumas observações relevantes.

Bater (SN ~ em)

(20) [...] *louvando, benz do, dando graças, jurando, adjurando, prometendo deviamête, honrra de obra reconheçêdo que elle, soo, he Senhor; agiolhãdo, lâçando-nos em terra, batendo os peytos, dando primicias, oblações, sacrificios, [...]* (CIPM-1504 Cat)

(21) *E assim se punham de joelhos e batiam nos peitos, como se tiveram lume de Fé* (CTB-G008)

Em (20) e (21), vemos o uso variável de *bater* + SN e *bater* + SP. Também no PB, *bater* pode selecionar SP (*Fulano bateu no menino*) ou SN (*Fulano bateu o carro*); entretanto, a construção *bater* + SN tem interpre-

---

<sup>8</sup> A noção de “cena” aplicada aqui é emprestada da Semântica Cognitiva, equivalente a evento de forma geral (cf. Talmy 2000).

tação bastante distinta de *bater* + SP, a depender do tipo de argumento que o verbo seleciona. No segundo caso, *bater o carro* implica necessariamente *bater o carro em algum lugar*, ficando ao falante a opção de ativar onde foi batido (*no poste, portão* etc.), acarretando uma interpretação de acidente. Já no primeiro caso, tem-se uma outra cena, a de agressão, só podendo ser assim interpretada quando representada pela estrutura V + SP. Assim, teríamos em *bater* + SN do PB mais actantes participando da cena ativada pelo verbo – o que não parece ser o caso no PM em (20), *batendo os peitos*, e (21) *batendo nos peitos*. Quanto a esses exemplos, especificamente, convém ressaltar que talvez a grande mudança no PB atual refira-se a que cenas essas duas estruturas acarretem. Uma sentença como “Os rapazes pulavam e batiam os peitos” é aceitável e representa uma cena em que dois participantes batem o peito um no outro, numa espécie de coreografia num evento de rock, por exemplo. Por outro lado, “bater no peito” representa uma cena distinta, em que alguém bate a mão no peito num ato de superioridade ou determinação.

Crer (SN ~ em ~ a)

- (22) *Non creeran aquelas ~ En Cristo criian* (Mattos e Silva 2006)  
 (23) *São muito inconstantes e mutáveis: crêem de ligeiro tudo aquilo que lhe persuadem por dificultoso e impossível que seja* (CTB-G008)  
 (24) *E disse nostro Senhor a Moysem, e a Aaron: porque nom creestes a mym* (BMP, Tarallo 1991)

Cuidar (SN ~ em ~ de)

- (25) *Pensa e cuida o presente ~ Cuida nos beneficios* (Mattos e Silva 2006)  
 (26) *e assim em partindo, dizem, vamos matar sem mais outro discurso nem consideração: e não cuidam que também podem ser vencidos* (CTB-G008)  
 (27) *E logo pelos primeiros dias põem-lhe seus parentes de comer em cima da cova, e também alguns lho costumam a meter dentro quando o enterram, e totalmente cuidam que comem, e dormem na rede que têm consigo na mesma cova* (CTB-G008)  
 (28) *e quando se o Conde Dom Fernando viu preso, cuidou logo de ser morto, e fez preito, e homenagem ao Príncipe de nunca mais entrar em Portugal* (CTB-G009)

Gostar (SN ~ de)

- (29) *Non pode gostar as cousas ~ Bês de que gostaron que lhi cheiran* (Mattos e Silva 2006)  
 (30) *E nom gostaram dele nada nem o quiseram mais* (CIPM-1500 CPVC)

Em (22) a (30), vemos que os verbos *crer*, *cuidar* e *gostar* podiam variar quanto à valência e seleção de preposição no PM. O PB optou por *cuidar de*, *gostar de* e *crer em* na função de complemento oblíquo. A possibilidade de esses verbos selecionarem um SN (sem a preposição) no PB se dá quando na função de objeto direto, encabeçando a sentença, como em *banana eu gosto*, *criança eu cuido* e *Deus eu creio*, ou quando os verbos selecionam uma oração: *gostava quando ele cantava* e *creio que ele virá*, exceto com o verbo *cuidar*: *cuido para que ninguém se machuque*. Ressalta-se que, no PB atual, não ocorre *cuidar* com o sentido de “pensar, preocupar-se”, mas sim “zelar por, tomar conta de”.

Renunciar (SN ~ de)

- (31) *Todas rriquezas renunciaron* (Mattos e Silva 2006)  
 (32) *e ele nũca lhe quis obedecer ãte perante obispo da terra se desnuou das uestiduras ataa os panos meores diz do que renũciaua de seu padre* (CIPM-1489 TC)

Fugir (SN ~ a ~ de)

- (33) *e cõfie que a virtude da fee lhe dara incrinaçã aa verdade e o induzirã a fugir o cõtrairo* (CIPM-1504 Cat)  
 (34) *Fuge ao pecado asy como fugis amte a face da cobra* (CIPM-1489 TC)  
 (35) *Avemos de fugir de fazer scãdalo aos simplezes e nom curar do scandalo dos phariseos* (CIPM-1504 Cat)

Os exemplos (31) a (35) são construções com os verbos *renunciar* e *fugir* no PM, ora selecionando SN, ora a preposição *de* (ambos os verbos) e *a* (*fugir*). No PB, houve algumas mudanças: (i) a preposição selecionada por *renunciar* foi *a* no lugar de *de* (*ele renunciou ao cargo*); (ii) o verbo *fugir* selecionava tanto a preposição *a* quanto *de* até pelo menos fins do XIX. Essa constatação se dá sobretudo em anúncios de jornais brasileiros desse período. Nesse sentido, a recorrência da variação entre *fugir a* e *fugir de* nesse tipo de texto pode ser analisada também do ponto de vista da tradição discursiva presente nos anúncios. Até por volta de 1888, quando da Abolição da escravatura, representantes da elite costumavam anunciar a fuga de seus escravos em jornais, como nos exemplos abaixo:

- (36) *A Paulino José Lopes [...], fugio-lhe em o dia 2 do corrente mez, hum escravo moço* (Guedes & Berlinck 2000: 23)  
 (37) *Fugio no dia 20 do corrente do abaixo assignado o seu escravo [...] de nome João* (Aldrigue & Nicolau 2009: 28)

O PB optou pela preposição *de*, que mais prototipicamente denota o ponto inicial (origem) de um percurso (fuga), ficando à preposição *a* a função de marcar o ponto final do percurso, ao lado de outras preposições (cf. Kewitz 2007).

## C2. Verbos de três lugares, mudança de caso (Acusativo > Dativo)

### Perguntar

- (38) Perguntaron-no *que demandava* ~ Perguntou-lhe *que faria* (Mattos e Silva 2006)
- (39) *E pera saber convem perguntar a ssi primeiro, pensando das cousas como som, e a maneira que sobr'ellas deve teer [...]* (CIPM-S15 LC)

### Rogar

- (40) Rogaran-no *que lhe dissesse* ~ Rogou-lhe *que lhe perdoasse* (Mattos e Silva 2006)
- (41) [...] *fiquei os gíolhos em terra e roguei aa dona que me desse consolaçom...* (BD, Tarallo 1991)

Em construções com verbos de três lugares, selecionamos apenas dois para ilustrar a alternância na seleção dos argumentos: *perguntar* e *rogar*. Ambos variavam quanto à projeção de um objeto direto ou objeto indireto (38 e 40). Nos exemplos (39) e (41), observa-se o uso da preposição *a* na função de objeto indireto. Falantes do PB atual vem progressivamente optando pelo uso de verbos como *perguntar*, *dizer* etc. com a preposição *para*, excluindo *lhe* e a preposição *a* desse contexto (cf. Kewitz 2007, entre outros).

## D. Verbos que reduziram a valência (transitivos > intransitivos) – perda de alternância X V SN / SP > X V

### Obrar (X V, 'trabalhar' ~ X V SN, 'executar') > X V

- (42) *Pecado actual se diz quãdo mal obramos fazendo cõtra hos mãdametos e razão natural* (CIPM-1504 Cat)
- (43) *Senhor estom a ty aparelhadas has minhas mãos e tenhoas abertas pera obrar os teus mandametos* (CIPM-1489 TC)

### Penar (X V, X V SN, X V-se SP) > X V

- (44) *As obras que de sua natureza som boas, feitas em pecado mortal nõ mereçẽ nada ante Deos, pero a misericordia divinal dá por ellas lume e*

*ajuda pera mais asinha sayr do pecado, dá beës tẽporaes, tira de muytos periũguos, faz ho homeẽ beẽ acostumado, emfrea o poder do diabo, em ho inferno nõ penará tâto porque emquanto fez beẽ leyxou de mal fazer (CIPM-1504 Cat)*

- (45) *Penitẽncia quer dizer quasi pena tenẽs, que he pena pera penar as coussas mal feitas (CIPM-1488 S)*

Os exemplos acima mostram que os verbos *obrar* e *penar*, no PM, podem projetar um argumento externo e um interno (exemplos 43 e 45) ou apenas um argumento externo (exemplos 42 e 44). No PB, perdeu-se a construção com dois argumentos, revelando casos de redução de valência, ou perda da transitividade. O verbo *obrar* é raramente encontrado no PB atual, dando lugar a *executar*, *trabalhar* e *fazer*. Ainda que os dicionários atestem esse sentido, seu uso atual restringe-se a contextos jurídicos (“fazer justiça”) e religiosos; seu uso coloquial é uma forma de evitar os termos “defecar” e “evacuar”, mais formais, ou as formas pejorativas (“cagar”, etc.). *Penar*, por sua vez, ocorre em contextos em que o sujeito realiza algo com esforço ou sofrimento, como em *penei muito para chegar até aqui*.

#### 4.2. *Variações no século XV mantidas no PB*

##### A. Verbos na construção X V SP que continuam variando na seleção da preposição

###### Misturar (com ~ a)

- (46) *A impureza ou çugidade se causa quando algũa cousa se mestura cõ outras mais viis e baixas (CIPM-1504 Cat)*
- (47) *E ho bispo ou saçerdote deue misturar a augua con o vinho e non outro (CIPM-1488 S)*
- (48) *se deos cessasse e nom mesturasse algũas amarguras aas bem-aventuranças do mundo, esquecelloyamos (CIPM-1437/1438 LC)*

###### Montar (a ~ em)

- (49) *E quamdo os Portugueeses e os Castellaãos foram mesturados, assi dar em elles em huũ, assi de sospeita, foi ho desacordo tam grande em elles, que alguũs nom poderom montar a cavallo (CIPM-S15 CDJII)*
- (50) *E avemdo gram prazer com elle, deçeosse do cavallo, e ajudouho a montar em elle, ca elle nom podia por rrazom da adova que tiinha (CIPM-S15 CDJII)*

Tomar (de ~ dativo)

- (51) *E esto he mesmo de qual quer que toma algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem* (CIPM-1488 S)
- (52) *E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese./ nom curaram de lhe tomar nada E asy o mandaram com tudo* (CIPM-1500 CPVC)

Os exemplos com os verbos *misturar* e *montar* ilustram a variação no PM quanto à seleção da preposição (*com* ~ *a* e *em* ~ *a*, respectivamente). No PB atual, a variação se mantém, como em *misturei maçã com banana / vamos misturar a farinha ao leite* e *montamos a cavalo / montaram num cavalo*.

No caso de *tomar*, a variação no PM se dá entre a preposição *de* e as formas pronominais de dativo. O PB atual dá preferência à construção *tomar de* (*tomou o livro de mim*), ao passo que no PE, *tomar* seleciona a preposição *a* (*tomou o livro ao rapaz*) como marcação de origem, assim como ocorre com o verbo *fugir*. Lembremos que a forma dativa *lhe* tem perdido espaço progressivamente no PB falado atual, sendo, por vezes, usado na função acusativa (*eu lhe vi ontem*); a variação se mantém entre as demais formas pronominais e a preposição (*tomei o livro de você* ~ *eu te tomei o livro*; *ele tomou o livro de mim* ~ *ele me tomou o livro*).

## B. Verbos em alternância transitiva no PM e no PB

Abrir (X V, X V-SE, X V SN)

- (53) *Esta erva toda a noite está murcha, e como dormente, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar* (CTB-G008)
- (54) [...] *e como o algodão está de vez, que é de Agosto por diante, abrem-se estas folhas, com que se fecham estes capulhos, e vão-se seccando e mostrando o algodão que tem dentro muito alvo* (CTB-G008)
- (55) *Estas aves pastam ervas como qualquer outro animal do campo, e nunca se levantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as asas e com elas vão ferindo o ar ao longo da mesma terra* (CTB-G008)

Escorrer (X V, X V-SE)

- (56) *E entom as especias uirtuosas e de bõ odor escorrem* (CIPM-S15 OE)
- (57) *e aquella agua que vay envolta no barro que fica en sua molidom ou demays se escorre pollas folhas ou pellos paaos* (CIPM-S14 LM)

Em (53) a (57), vemos exemplos de verbos com alternância de valência no PM: *abrir* e *escorrer* são atestados em construções X V (53 e 56), X V-SE (54 e 57); *abrir* aparece, ainda, na construção X V SN (55). Todas essas construções são ainda possíveis no PB com esses verbos. Chamamos atenção para o fato de que a alternância XV / XV-SE pode ser interpretada como um caso de alternância ergativa, que parece estar em franca expansão no PB (segundo, entre outros, Perini 2010), atingindo verbos para os quais essa alternância não é possível no PE. É o caso, por exemplo, de *abrir*. Acreditamos, assim, que a ocorrência da construção X V com *abrir* (X abrir) no PM pode ser um fato relevante para os estudos sobre valência do PB.

### C. Verbos que continuam alternando a valência (X V SN ~ X V SP)

Topar ('deparar com', 'chocar-se com'), ( X V SN ~ X V SP = em)

- (58) *E aa quarta feira seguimte pola manhaam topamos aves a que chamam fura buchos* (CIPM-1500 CPVC)
- (59) *E quando de justa veher, o melhor geito he teer a mão queda a par do rosto, com o cotovello alto, e aguardalla que venha topar na lança como se a de soobraço tevesse, e entrante aa ponta della dar onde quer ferir, carregando com o corpo* (CIPM-1437/1438 LEBC)
- (60) *E el foi topar em ambos tam rijamente do corpo e do escudo que deu com eles em terra mui grandes queedas, donde foram tam britados que se nom poderom depois levar por ua peça* (CIPM-S15 DSG)

Nos exemplos acima, vê-se o uso de *topar* selecionando um objeto direto (SN em 58) ou um complemento oblíquo (SP em 59 e 60). No PB atual, a variação ocorre também em relação às preposições *em* e *com*: *topei com aquele cara ontem / topei na mesa*. Mas esse verbo também pode projetar um SN como argumento, acompanhado de um oblíquo: *topei minha cabeça na porta*, ou mesmo *topei aquele cara na rua ontem*.

A partir dessa breve descrição dos dados, proporemos, na próxima seção, uma interpretação para a variação da valência verbal e seleção de preposições e para algumas das mudanças arroladas no PB.

## 5. O verbo e suas projeções argumentais: questões para mudança linguística

Para discutir as implicações dos fenômenos de variação diacrônica da valência verbal, partiremos aqui de uma pergunta sugerida em Paixão de Sousa

(2008a), do ponto de vista da teoria Gerativa: quando falamos em variação ou flexibilidade de valência verbal, em fenômenos de alternância, estamos falando de processos sintáticos ou lexicais?

Expandindo essa pergunta inicial, e, com base em Perini (2010), podíamos nos perguntar: “valência” é um fenômeno do domínio do léxico ou da gramática? Mais ainda, podemos explodir essa pergunta e questionar se a divisão entre léxico e gramática, tal como colocada por diversas teorias da gramática, faz algum sentido quando falamos em valência. Naturalmente, a exploração adequada dessas perguntas fugiria aos limites deste artigo.

Aqui, pretendemos apenas ressaltar o interesse do estudo da valência em seu aspecto diacrônico e para as contribuições que este estudo pode trazer não apenas para a compreensão da história da língua, como também da teoria linguística. Para isso, comentaremos a perspectiva trazida pela teoria multissistêmica (Castilho 2007, 2010), explorando os caminhos que ela pode abrir para as questões aqui levantadas.

Do ponto de vista da teoria multissistêmica, uma resposta a essas questões seria a de que a valência diz respeito ao domínio do léxico, da gramática, da semântica e do discurso, simultaneamente. Nessa perspectiva, o *Princípio de Projeção* é o dispositivo que governa as relações entre as expressões linguísticas, ou seja, é uma propriedade que afeta todos os subsistemas das línguas naturais: Castilho (2010). O termo *projeção* é por esse autor tomado no sentido geral de “lance, arremesso” (*Ibid.*: 259). Assim, não é estranho entrever que esse princípio tem suas manifestações além do domínio da Gramática. No Discurso, por exemplo, ele é responsável pelos turnos conversacionais, uma vez que os interlocutores estão, a todo tempo, projetando os movimentos verbais numa conversão. Esse jogo dá espaço a diversos processos de formulação e reformulação, como repetição, paráfrase, digressão etc. No subsistema da Semântica, o princípio de projeção atua no movimento de traços semânticos, através dos mecanismos de predicação, metáfora e metonímia, pelos quais construímos o significado no enunciado: Castilho (*Ibid.*: 259-260).

A princípio, essas observações não parecem uma grande novidade. O próprio autor reconhece que essas ideias são bastante recorrentes na literatura: a *Análise da Conversação* fornece os *insights* para o Princípio de Projeção no Discurso; a *Gramática Gerativa* para a Gramática, e a *Linguística Cognitiva* para a Semântica. Além de dialogar com teorias, a princípio, tão diferentes, a novidade está em generalizar esses achados e redirecioná-los para uma visão multissistêmica da língua. Para o autor, o Princípio de Projeção atua como o elemento unificador dos subsistemas da Gramática, Léxico, Semântica e Discurso.

Castilho entrevê uma categoria cognitiva de extrema importância em qualquer língua: a categoria de MOVIMENTO. Levando em conta a língua numa perspectiva complexa e dinâmica, essa categoria atua em todos os subsistemas. Castilho (2010: 619-623; 2011) a analisa em termos de movimento físico e fictício.<sup>9</sup> No primeiro caso, o autor fornece exemplos como *perguntar* > *preguntar* (movimento de fonemas), *não faço isso* > *isso eu não faço* (movimento de OD da direita para a esquerda), entre outros. Em termos de movimento fictício, um exemplo bastante ilustrativo é a migração do traço de negação ao item *mais* (< lat. *magis*), como em (a) *não quero mais comida*, resultando na conjunção *mas*: (b) *Está frio, mas eu adoro*. Na Fonologia, *sim* ganha nasalidade pela migração desse traço do item (c) *non* (*não*). Esses movimentos, segundo ele, são fictícios porque a migração de traços não exclui a nasalidade em (c), nem o traço de negação em (a): Castilho (2011: 55).

Na sintaxe em particular, o Princípio de Projeção capta o que a Gramática Tradicional classifica como (i) regência, (ii) colocação e (iii) concordância, tratadas separadamente. No entanto, Castilho (2010: 261) defende que essas modalidades confluem e não devem ser tratadas indissociavelmente, se levarmos em conta a simultaneidade das propriedades gramaticais no momento da produção e recepção dos enunciados. Basta pensarmos em palavras soltas que, quando ativadas para formar uma sentença, terão casos gramaticais e papéis temáticos atribuídos, seguindo determinada ordem, e regras de concordância serão aplicadas. Nas palavras de Castilho (2010: 261), “pois foi o princípio de projeção, que associa a transitividade, a colocação e a concordância num só impulso de criação linguística”.

Para os propósitos apresentados aqui, interessa-nos, particularmente, a transitividade e a colocação. A colocação refere-se às regularidades na ordem dos constituintes da sentença, demonstrando que há regras categóricas (Artigo + Nome) e regras variáveis (Suj V ~ V Suj). Incluem-se, neste campo, as construções de tópicos como *Fulano ele foi embora*, *Banana eu gosto* etc.: Castilho (2010: 279). A transitividade, por sua vez, está estritamente relacionada à questão da estrutura argumental da sentença. Sendo uma propriedade da sentença, e não apenas do verbo, ela vai orientar justamente o “arremesso” das expressões. Castilho (2010: 263) argumenta que

[n]ão há verbos exclusivamente transitivos, nem verbos exclusivamente intransitivos. *É o uso na sentença que explica a decisão tomada pelo falante.*” [grifo nosso]

---

<sup>9</sup> Inspirado em Talmy (2000), Castilho apresenta uma aplicação das noções de *movimento físico* (ou factivo) e *movimento fictício* nas relações intrassistêmicas.

a exemplo de sentenças como *comer bem* e *comer uma comida maravilhosa*. Os exemplos na seção 4, com verbos como *abrir*, *escorrer*, *obrar*, etc., ilustram bem essa propriedade, já que, como vimos, variam quanto à valência e à seleção de preposições. A partir desses dados, podemos expor algumas generalizações iniciais, começando pela perspectiva multissistêmica e pelo Princípio de Projeção.

Já vimos que para Castilho (2010), Princípio de Projeção atua como o elemento unificador dos subsistemas. Lembremos agora que, na perspectiva da gramática formal, a “projeção” é também um conceito importante – nesse caso, no âmbito da sintaxe. Nas palavras de Galves,

[...] a oração é a *projeção sintática* das propriedades da subcategorização de um verbo – em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo. (1987: 1, nosso grifo)

Assim, mesmo se ficarmos no âmbito mais estrito da Sintaxe, poderemos ainda afirmar que os verbos projetam certas classes como argumento interno, para cumprir determinadas funções (OD, OI ou OBL). Como os dados da seção 4 ilustram, observam-se, no PM, casos em que OD varia com OI, se levarmos em conta a forma como essas funções se realizam: clíticos acusativo e dativo, respectivamente. Além disso, quando o verbo projeta uma preposição como argumento, ora na função de OI, ora de OBL, a seleção da preposição varia, em alguns casos, mas em outros acarreta outros sentidos, provando que as preposições não são vazias de sentido. Os dados descritos em 4.1 demonstram, além disso, que certos verbos reduziram suas possibilidades de projeção de argumentos (*olhar*, *confiar*, *fugir*, etc.) no PB atual; e na seção 4.2, por outro lado, apresentamos algumas ocorrências de manutenção da valência verbal e da escolha das preposições, salvo algumas poucas diferenças (*fugir de*, por exemplo).

Estendendo o nosso olhar para além do âmbito mais estrito da Sintaxe, observamos que, no âmbito da Semântica, um verbo que projeta este ou aquele argumento, esta ou aquela preposição, acarreta na representação de cenas distintas, como bem ilustram os dados com *olhar* e *abrir*. No plano do Discurso, verificamos que alguns verbos, recorrentes em textos do XV (até mesmo em função da tradição discursiva em que aparecem), tem seu uso restrito, no PB atual, a situações comunicativas muito particulares. Uma sentença como *Senhor, olhar por nós* é pertinente em contextos religiosos de sermão, reza etc. Numa situação cotidiana, em que alguém solicita ajuda para cuidar de seus filhos, teríamos *Olha meus filhos, por favor*, sem a preposição *por*.

Neste ponto, diversas questões interessantes podem ser colocadas quanto s implicações da variação e a mudança na valência desses verbos. Da perspectiva de um *sistema*, por exemplo, podemos nos perguntar: o que significa para a língua como um todo que o verbo *olhar*, por exemplo, não signifique mais “procurar”? De partida, podemos dizer que algum outro verbo (ou expressão) terá de assumir essa acepção. Mas, para além disso, podemos nos perguntar o que significa, em termos de gramática e de mudança gramatical, essa “dança” dos verbos ao longo do tempo – ou seja, essa mudança na *propriedade de projeção* das palavras predificadoras? O que isso nos revela sobre a mudança linguística?

Percebe-se, portanto, que voltamos à pergunta colocada no início desta seção: a mudança na valência de um verbo é uma questão de léxico ou de gramática? Como vimos agora, da perspectiva multissistêmica, essa pergunta tem seu sentido esvaziado. Por outro lado, lembramos que numa teoria mais modular da gramática – caracteristicamente, a teoria gerativa – esta é uma pergunta com resposta quase evidente: a valência é um dado do léxico. Tipicamente, neste quadro, os fenômenos de alternância transitiva serão explicados como tendo por base uma “regra de redução lexical” – uma operação na qual um ou mais argumentos podem ser suprimidos e que estaria localizada “no léxico” (ou seja: uma operação pré-sintática, e, efetivamente, pré-gramatical).

Alguns estudos recentes sobre a alternância de valência, entretanto, têm colocado em cheque a separação estanque “Léxico/Gramática”, na medida em que levantam o fenômeno da variação na propriedade de alternância nas línguas. Para o português, podemos lembrar, mais uma vez, Perini (2010) e Negrão & Viotti (2009), que ressaltam a elevada produtividade das construções de “promoção” e “supressão” de argumentos no PB atual. Fundamentalmente, Negrão e Viotti (2009), por exemplo, ressaltam que certas construções características do PB, tais como *Esse trem perdeu*, não envolvem apenas a *topicalização* de um dos argumentos do verbo (o paciente, no caso), mas também a supressão de um outro argumento (o agente, no caso) – envolvem, portanto, processos tanto sintáticos, como semânticos e lexicais.

Ao estender o estudo da flexibilidade de valência e da variação para a diacronia, precisamos, também, levar em conta todos esses processos na compreensão da mudança – e nesse caso, a separação estanque entre léxico e gramática se torna um empecilho ainda maior. De fato, numa perspectiva estritamente modular, a constatação dos diversos fenômenos que apresentamos neste artigo perdem inteiramente o interesse, pois esses não seriam considerados fenômenos de mudança gramatical, mas sim de mudança no inventário lexical da língua. Retomemos o caso de *olhar*: o contraste que vemos entre

o PM e o PB significaria, apenas, a saída de um item lexical do inventário da língua, tal seja, “olhar + por”, “procurar”. Parece-nos, entretanto, que a variação diacrônica das valências verbais nos mostra algo mais que uma mudança no vocabulário da língua: ela expressa uma flexibilidade na capacidade de projeção dos argumentos verbais, o que compreendemos como um fenômeno gramatical. Já na perspectiva multissistêmica, essas mudanças podem ser vistas em todos os subsistemas, ou seja, há propriedades gramaticais, lexicais, semânticas e discursivas em jogo, simultaneamente.

O tratamento teórico adequado da variação diacrônica no âmbito da valência verbal, ou mesmo a tentativa de uma proposta estruturada para a compreensão dos fenômenos que apresentamos aqui, são pontos que superam os objetivos deste artigo<sup>10</sup>. O que pretendemos aqui, sobretudo, foi salientar que a flexibilidade de valência (ou seja, da capacidade do verbo em projetar seus argumentos) é um fenômeno presente em diferentes fases do português e sugerir alguns pontos nos quais o exame diacrônico desse fenômeno pode contribuir para os estudos diacrônicos (e sincrônicos) da língua.

## 6. Considerações finais

Neste artigo, buscamos colocar a problemática da valência verbal em textos quatrocentistas em termos de variação e possíveis mudanças no PB. Este trabalho faz parte de um projeto coletivo em andamento, que conta com a participação de pesquisadores de abordagens teóricas distintas, porém complementares. Nosso objetivo central, no projeto, é chegar às nossas *vésperas brasileiras* no que respeita a sintaxe – em especial a questões de projeção argumental, mas também no que remete a mudanças relacionadas às preposições mais gramaticalizadas, redobramento, concordância e estruturas complexas.

No andamento futuro desse projeto, privilegiaremos alguns pontos fundamentais que, no presente artigo, precisaram ser deixados de lado. Sobretudo, estamos cientes da importância da história dos textos dos quais se selecionam os dados, conforme alguns comentários que fizemos ao longo da análise. De fato, consideramos que uma das tarefas mais delicadas quando se estuda a história das línguas é apoiar-se em textos escritos de sincronias passadas, em função

---

<sup>10</sup> Para uma análise preliminar neste sentido, remetemos a Paixão de Sousa (2009), que sugere haver uma relação estreita entre a mudança na valência de alguns verbos e as mudanças na sintaxe da ordem do português entre o PM e o PB.

da interpretação que se aplica a dados de sincronias passadas e da limitada variedade de tipologia textual, comparando-se aos textos falados e escritos atuais.<sup>11</sup> Essa etapa da pesquisa será privilegiada em trabalhos futuros, assim como a análise quantitativa dos dados que aqui apresentamos como exemplos de uma análise preliminar.

## Referências

- ALDRIGUE, Ana Cristina. S. & NICOLAU, Rosane B. (Orgs.)  
 2009 *Quem pretende comprar dirija-se a.... Anúncios de jornais da Paraíba do século XIX*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- CARDEIRA, Esperança  
 2005 *Entre o Português Antigo e Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Coleção Filologia Portuguesa.  
 2010 Português Médio: uma fase de transição ou uma transição de fase? *Diacrítica* 24(1): 75-95. Série Ciências da Linguagem. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- CASTILHO, Ataliba T. de  
 2007 Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Lingüística Histórica In: Ataliba T. de Castilho *et al.* (Orgs.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 329-360.  
 2010 *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.  
 2011 Some representations of *motion* in EP and BP standards. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (Orgs.), *Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions*. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 45-59.
- CASTRO, Ivo  
 2009 Vésperas Brasilianas: Preâmbulo ao X Seminário do Projeto de História do Português Paulista, Ms.

---

<sup>11</sup> Para mais detalhes sobre essa problemática, recomendamos Cardeira (2005, 2010), Paixão de Sousa (2004) e Simões & Kewitz (2009), sobre o PB em geral. Ressalta-se que Cardeira (2005, 2010) também toca nessa problemática com muita propriedade.

COELHO, Adolpho

- 1880 Estudos para a história dos contos tradicionais. *Revista de Etnologia e Glotologia* 1: 108-144.

GALVES, Charlotte

- 1987 A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística* 13: 31-50.  
 2007 A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: Ataliba T. de Castilho *et al.* (Orgs.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 513-528.

GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane & PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara

- 2006 Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: A. Endruschat, R. Kemmler & B. Schafer-Prieß (Orgs.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag.

GUEDES, Marymárcia & BERLINCK, Rosane (Orgs.)

- 2000 *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros do Século XIX*. São Paulo: Humanitas, Série Diachronica 1.

GUY, Gregory

- 1989 On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. In: G. Guy, *Estudos sobre el Español de América y Linguística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro e Cuervom, 227- 245.

HOLM, John

- 1987 Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. In: G. Gilbert (Ed.), *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu: University of the Hawaii Press, 406-429.

KEWITZ, Verena

- 2007 Gramaticalização e semanticização das preposições *a* e *para* no Português Brasileiro (Sécs. XIX-XX). São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado.

LUCCHESI, Dante

- 1994 Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12: 17-28.

MARTINS, Ana Maria

- 1994 Clíticos na história do português. Lisboa: Universidade de Lisboa, Tese de Doutorado.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia

- 1994 *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.  
 2006 *Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.

MATTOSO CAMARA JR., Joaquim

- 1972 *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil*. In: J. M. Camara Jr., *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 71-87.

MELO, Gladstone C.

- 1946 *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV (3.ª ed. 1975).

MORAES DE CASTILHO, Célia M.

- 2001 Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do século XV. In: R.V. Mattos e Silva (Org.), *Para a História do Português Brasileiro. Vol. II: Primeiros Estudos*, Tomo I. São Paulo: Humanitas.
- 2004 Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e linguística portuguesa* 6: 53-100. São Paulo: Humanitas.
- 2005 O processo de redobramento sintático no português medieval: redobramento pronominal e a formação das perífrases de estar + -ndo/-r. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Tese de doutoramento.
- 2011 Relatório final de pesquisa de pós-doutoramento. São Paulo, FAPESP, Ms.

NAMIUTI-TEMPONI, Cristiane

- 2008 Aspectos da História Gramatical do Português: Interpolação, Negação e Mudança. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

NARO, Anthony & SCHERRE, Maria Marta

- 1993 Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* 9 (número especial): 437-455.

NEGRÃO, Esmeralda & VIOTTI, Evani

- 2009 Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: J. L. Fiorin & M. Petter (Orgs.), *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 179-203.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara

- 2004 *Língua barroca: sintaxe e história do português nos seiscentos*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, tese de doutorado.
- 2008a "... e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar ...": *o Português Brasileiro e o Português Clássico interessam comparar?*. Comunicação ao Workshop Variação e gramática: diacronia e aquisição. Campinas, 26.02.08.
- 2008b Valências Verbais do Português Clássico. Relatório científico de pesquisa de pós-doutoramento, São Paulo, FFLCH/USP.

- 2009 A Expressão dos Sujeitos no Português Clássico e no Português Brasileiro: Hipótese para uma reanálise gramatical. I Congresso Internacional de Linguística Histórica-Rosae. Salvador, julho de 2009.
- 2010 A língua portuguesa, 1400 a 1600: aspectos de história e gramática. Relatório de pesquisa apresentado à Universidade de São Paulo.
- PERINI, Mario
- 2010 *Estudos de gramática descritiva: As valências verbais*. São Paulo: Parábola.
- RIBEIRO, Ilza
- 1995 A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- 1998 A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática? In: Ataliba T. de Castilho (Org.), *Para a história do português brasileiro. Primeiras idéias*, vol. I. Humanitas: São Paulo, 101-119.
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. (Orgs.)
- 1993 *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- SILVA Neto, Serafim
- 1963 *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 3.<sup>a</sup> ed.
- SIMÕES, José da Silva & KEWITZ, Verena
- 2009 Tradições Discursivas e organização de corpora. In: Vanderci Aguilera (Org.), *Para a História do Português Brasileiro, Vol. VII: Vozes, Veredas, Vora-gens*. Londrina: EDUEL, tomo II, 467-529.
- TALMY, Leonard
- 2000 *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. 1: *Concept Structuring Systems*. Cambridge/Massachusetts/London: MIT Press, paperback edition.
- TARALLO, Fernando
- 1993 Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: Ian Roberts & Mary Kato (Orgs.), *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- 1994 *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2.<sup>a</sup> ed.
- TARALLO, Fernando (Org.)
- 1991 *Corpus Diacrônico*. Vol. III (Século XV). São Paulo, FFLCH/USP, fotocópia.
- TEYSSIER, Paul
- 2004 *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes (2.<sup>a</sup> ed. 1997)